



REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telefone 5339

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

C. G. T.

# Na reunião de ontem do Conselho Confederal

foi apreciada a recente nota oficial da Comitê que foi publicada por resolução unânime dos seus membros

A U. S. O. de Lisboa rejeita a nota oficial da C. G. T. — A reunião foi suspensa para prosseguir pelas 14 horas de domingo

Reunião ontem pelas 21 horas o Conselho Confederal da C. G. T.

A sessão foi presidida por Alberto Monteiro.

A discussão devia incidir sobre a nota oficial, que o Comitê Confederal fez publicar em *A Batalha* de domingo passado.

Foi concedida a palavra a Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, que diz que era já intenção do Comitê apresentar a nota oficial ao Conselho, o que não fez devido a outros trabalhos.

Como o não pudesse fazer resolveu apresentá-la, depois de publicada e das necessárias explicações. Lhe em seguida a nota oficial ao Conselho, o que não fez devido a outros trabalhos.

Em seguida lhe também um ofício da U. S. O. de Lisboa no qual se diz ter este organismo rejeitado a nota, e um telegrama da U. S. O. do Porto aprovando a doutrina da nota oficial.

Diz que o Comitê apresenta a nota ao Conselho, consciente da que defendeu os princípios que orientam a ação sindical.

Vitor Martins, delegado da U. S. O. do Seixal, extraña que não se tenha lido a acta do Comitê. Diz que se este não apresentou a nota ao Conselho foi com medo que não agradasse a alguns delegados.

Pede ao presidente para lhe dizer que delegados faltaram. O presidente responde que faltaram os delegados da U. S. O. de Beja, de Olhão, Federação dos Rurais, Empregados dos Correios e Telegrafos e Arsenais.

Vitor Martins, continuando, diz que no *Café Colonial* lhe disseram que um delegado ao Conselho dissera que os sindicalistas do Partido Comunista tinham que definir a sua situação. A C. G. T. foi a primeira a provocar o Partido Comunista. Acrescenta que não em que foi feita a nota oficial, o Conselho não reuniu.

O presidente da mesa, fazendo parte do partido comunista, pregunta a que o Conselho se lhe merece confiança. Todos lhe concedem essa confiança.

Os oradores não devem invocar senão a sua qualidade de representantes operários — diz Miguel Correia

Miguel Correia diz que o Conselho não tem de saber se os membros do Conselho pertencem ou não ao partido comunista. Ali havia representantes de organismos operários e mais nada.

Requer que todos os oradores se jinjam ao assunto, não evocando senão a sua qualidade de representantes operários.

O requerimento foi aprovado. Carlos Araújo propõe que se realize a sessão numa sala mais ampla, o que foi aceite, continuando a sessão na aula de desenho da Construção Civil.

Pediu, o mesmo orador, que fosse lida a acta da sessão do Comitê.

Manuel Joaquim de Sousa lê a acta. A nota oficial da C. G. T. veio dar vida ao Partido Comunista — O receio da desunião do operariado — O que fazem os anarquistas?

Carlos de Araújo, depois de ouvir a leitura, declara não ter paixão pelo assunto. Vai discutir o caso com toda a tranquilidade.

Diz que, como alguns membros do Conselho confederal não viam com bons olhos a fundação do partido comunista, aproveitaram a primeira ocasião para dar um golpe no partido. Os indivíduos que estão na luta sindical tem toda a liberdade de ingressar no Partido Comunista desde que deixem à porta dos sindicatos as suas opiniões políticas.

Os indivíduos que estão no Conselho sabiam muito bem que não se podia chamar videirinhos a indivíduos que fazem parte do Conselho.

O comitê confederal que assina a nota não teve conhecimento do conteúdo da mesma porque apenas era redigido. Afirmou ainda que esses camaradas apoiam as ideias de Bakunin, que apareceram há 70 anos e são contra a ditadura, não tiveram pejo de exercer ditadura, porque a nota foi escrita em ditadura.

Pergunta por que razão não se apresenta a nota ao Conselho, que reuniu a segunda-feira. Crê que 24 horas de atraço, não fariam perder a oportunidade. Declara que se está sempre a bater na ditadura, e agora pregunta se o comitê, não trazendo a nota ao Conselho, fez ou não ditadura.

Sobre a capacidade administrativa, diz que perante a desorganização de alguns sindicatos, preferiu mil vezes a sociedade burguesa. Prova-se que até hoje o sindicalismo ainda não teve capacidade administrativa nem revolucionária.

Tinha, de facto, a C. G. T. de elaborar uma nota pública mas não com aquela redacção. Se se dissesse que a C. G. T. fia aos seus congressos, se encontra indiferente perante um novo partido político e que os militantes operários deviam intensificar o seu trabalho sindical estava bem. Lembra que, quando o partido de Machado dos Santos lançou um manifesto di-

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

U. S. O.

Conselho de delegados

Novamente reuniu anteontem, sob a presidência de Raúl Machado, delegado do sindicato dos Fotógrafos, secretário por Aristides Ferreira Baptista, delegado dos Manufactores de Calçado, e Domingos Pereira, delegado dos Manufaturadores de Pão.

Depois de lida a acta da anterior reunião, é apreciado o expediente, que apenas consta de um ofício da C. G. T. e outro da Escola de Ensino Livre da Secção do Alto do Pina do S. U. da Construção Civil, convidando a União a fazer-se representar na sessão de encerramento dos trabalhos escolares que se realiza no dia 31 do corrente, sendo nomeado o camarada Alexandre Assis.

imediatamente e a requerimento de um delegado, entrou-se na ordem dos trabalhos, sendo lido o relatório da transata comissão administrativa, que desde Março p. p. se encontra elaborado e que devido à discussão de outros assuntos de maior urgência tem prejudicado a discussão do mesmo.

Após a sua leitura, e ainda depois de se terem feito algumas referências e explicações sobre o capítulo "Os Tribunais de Arbitros Aviadores e Desastres no Trabalho", foi o mesmo relatório aprovado por unanimidade, tendo sido nomeados para a comissão revisora de contas os camaradas Alberto Monteiro, António Gomes Ribeiro e Herculano Matos, respectivamente delegados dos Sindicatos dos operários Alfaiates, S. U. Metalúrgico e Litógrafos.

O relatório, no seu relato financeiro, acusa um saldo para Janeiro de 1921, de 941\$05.

Em seguida, e antes de se encerrar a sessão, discute-se a nota da C. G. T. tornada pública pelo órgão da classe operária na imprensa, tendo feito uso da palavra todos os delegados presentes, resolvendo se oficial à C. G. T. dando-lhe conhecimento das resoluções tomadas.

Estiveram representados os seguintes sindicatos: S. U. Metalúrgico, Operários Alfaiates, S. U. da Construção Civil, Marinheiros e Mocos da Marinha Mercante, Fotógrafos, Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, Litógrafos e Anexos, Manufactores de Calçado, S. U. Mobiliário, Empregados de Escritório, Correios e Manipuladores de Pão.

A sessão durou até às duas horas da madrugada.

Na Rússia

O sanatório internacional : na para os literatos :

Em comemoração do décimo aniversário da morte de Tolstoi, o comissário de higiene pública abriu na Crimeia um sanatório internacional para literatos. O sanatório será instalado na mesma casa que habitou Tolstoi em 1902, quando foi expulso da igreja ortodoxa. Anatole France, Roman Rolland e Wells serão convidados para as solenidades da abertura.

A memória de John Reed

Na Praça Vermelha em Moscovo, em presença dos delegados ao Congresso da Internacional Comunista e dos membros do sóvite de Moscovo, foi inaugurada a estátua de John Reed, o socialista americano, falecido na Rússia por ocasião da sua segunda viagem de estudo à república soviética.

No porto de Petrogrado

Chegou no primeiro de Julho a Petrogrado um navio inglês, carregado com farinha e feijões, e um vapor suco com um carregamento de 3.400 sacos de farinha. Espera-se proximamente a chegada de seis outros navios estrangeiros, dos quais um da América.

No Tribunal de Ordem dos Trabalhadores

Uma ação ganha pela Associação dos Estivadores

No dia 19 do corrente foi lida no Tribunal dos Acidentes de Trabalho a sentença favorável à ação promovida pela Associação de Classe dos Estivadores do Porto de Lisboa contra a Mutualidade Portuguesa, para a obrigaçao a pagar aos estivadores sinistrados os domingos e dias feriados, ficando portanto ganha a questão na 1.ª instância.

Vivem os dólares americanos!

Um julgamento

O camarada Arsénio José Filipe é absolvido

Como noticiámos, efectuou-se na terça-feira o julgamento do camarada Arsénio José Filipe, que há dois anos se encontrava preso como suposto implicado num atentado contra o Industrial Alfredo da Silva, no largo das Córtes, em 18 de Julho de 1919.

Ouvidas as testemunhas de acusação e lidas as deprecadas das que não estavam presentes, e apreciado o que do processo constava, apurou-se a nenhuma culpabilidade do acusado em tal caso, pelo que o delegado do procurador da República pediu a sua absolvição, lamentando que permanecesse dois anos na prisão, quando contra ele nada se prova do que o acusava.

A defesa esteve a cargo do nosso amigo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Júdico da C. G. T., que produziu um admirável discurso.

Como era de esperar, o camarada Arsénio José Filipe foi absolvido.

E assim se priva de liberdade um homem durante tanto tempo, para ao final se encontrar reunida todas as terças e sexta-feiras, desde as 21 horas, sempre disposta a atender todas as reclamações dos seus ofic和平ions sindicados.

## Os que falam livremente

O sr. Raul Brandão entende que a república foi uma mistificação. Trancavemos parte dum entrevisita que o ilustre escritor, sr. Raul Brandão, teve como um redactor da cidade, do Porto.

Como anunciamos em tempos o sr. Raul Brandão também pertence ao grupo *Seira Nova*, cujo programa publicámos também. Mas, dado o caso de Raul Brandão, autor da *Farfá*, de *El Rei Junto* e várias outras obras de valor, não pertence ao referido grupo, onde estão filiados o dr. sr. Jaime Cortezão, Faria de Vasconcelos, Ferreira Macedo, Aquilino Ribeiro e outros, a sua maneira de pensar em face da política, do momento social que passa, condiz perfeitamente com as linhas gerais do programa da *Seira Nova*.

Escutemos, pois, o que disse o sr. Raul Brandão ao repórter da *Cidade*:

Nunca votei. A política mete-me nojo. Hei de despedir-me com saudade do passado, mas aceito o futuro com alegria. Isto não me serve. Quero Meches que liguem todos os alvos. Tudo é certo, tanto na política como a económica. Não sou partidário da revolução, mas quero ardentemente que se camine para o futuro...

Depois interrompeu-se por momentos. A sua fronte iluminou-se, alargou-se os olhos, fazendo-lhe um assovio. E readentou:

Quero que haja mais pão e mais justiça. Interrompeu-se para lhe falar da República. Não hesita na resposta. Serenamente ainda continua:

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe andam um do outro. O povo português era idealista e a República tem sido de todos, menos dele e do seu desejo.

Entendido que a República foi uma mistificação. O povo português era idealista. Aceitou-se supondo que ele se apropria dele. Deu-se o contrário. Por isso é que tem longe and

# A BATALHA

NA PROVÍNCIA  
NOS ARREDORES

Almada

16 DE JULHO

Uma sessão na Câmara Municipal

## Tentativa frustrada dum senhorio

Escreve-nos Luís de Matos, contando-nos o seguinte:

Reside no Casal Ventoso, numa barra pertencente a Manuel Ferreira Mariano, pelo aluguer da qual paga 2500 milhares. O senhorio, como alguém houve oferecido pelo aluguer 25000, há dias tentou trancar-lhe a porta, quando saiu, e no mês passado pretendeu também que lhe pagasse mais um escudo, a título de multa, pelo facto de não lhe ter pago no dia 25. Graças à intervenção criteriosa do cabo de polícia 109 e dos guardas 791 e 1993, não surtiu efeito o expediente do senhorio que, raioso, prometeu recorrer a outro processo. E não passaram disto!

## Agressões

No banco do hospital de S. José, recebeu ontem curativo Luís Domingos Costa, de 31 anos, marceneiro, natural de Lisboa, residente na freguesia das Paixões, 12, loja que na rua de Santa Maria foi agredido por José Rodrigues, ficando ferido na orelha esquerda.

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo António Fernandes Fidalgo, de 27 anos, barbeiro, natural de Lisboa, e que, quando lhe diz que está a falar é a sua iniciativa, que não é sua por presidente o sr. Pimenta de Almeida, respondeu feito, logo que houve essa fonte de recebimento, a qual contava alcançar com a aprovação do imposto adicional.

Outro com o fim de se arranjarem adeptos, fizeram os amigos do sr. Pimenta, correr a voz de que os demais queriam desbarcar-lhe a Vérba para outros melhoramentos, e não para o fim que o mesmo sr. Pimenta tinha em vista.

Pois foi tanta baixa a propaganda feita, que chegou ao ponto do sr. Pimenta dizer em largas palavras: «os demais queriam desbarcar-lhe a Vérba para outros melhoramentos, e não para o fim que o mesmo sr. Pimenta tinha em vista».

Tal, porém, não aconteceu. Mas o presidente da Câmara, por citar o artigo da sua questão, «que os políticos não se podem manter mais só com a corrente», convocou a sessão, foi apelada e feriram que haveriam casos bem tristes, que não fosse a intervenção de alguns mais sensatos. Mas aí os não nada nos incomodou, que os políticos se enganaram em dizer. O que não iria os mesmos, é que os que se enganaram, e os que se baixa operários que se presentem a servir os manejos de A ou B. Os operários não vêm que o nim deles é separem os povos, atraídos uns de e contro os outros, para se guadarem e para mais a vontade deles, e não deles mesmo.

O povo, em vez de se enganar, com a forma que melhor convenha para lutar contra o patronato que pretende reduzi-los a isso, ainda não a correr atraços dos políticos, servindo de comparsa, nas suas farças partidárias. Não se lembra lá o povo, também, que é que os que se enganaram, e que se enganaram, justamente para serem atraídos a magna questão da água, tal como foi proibido? Era então administrador do concelho o mesmo sr. Pimenta, que hoje é presidente da comissão executiva da Vérba, e tem afinalmente tendido a questão das águas... claras e ao mesmo tempo a generosa Companhia dos Oleos de Bananita.

Para não roubarmos mais espaço à Batalha, iremos escandalizar este assunto em outras correspondências, pois que precisa ser trazido a supuração, para lhe vermos o seu laio moral.

Festa social dedicada à U. S. O.

Realiza-se, como temos dito, no dia 31 de corrente, a festa social e desportiva, dedicada à U. S. O. de Almada, revertendo o produto em benefício do seu cofre. Esta festa de boas-vindas estravas, cujo programa brevemente publicaremos, pois já está organizada.

A comissão promotora espera que o operariado local não deixe de concorrer com a sua cota-parte para tanto cativante festa, atendendo ao fato a que visa.—C.

**Faro** 16 de Julho.

## A feira e os feirantes

Tem hoje e amanhã lugar aqui, a feira do Corvo.

Esta feira costuma ser muito desenvolvida em transacções, mas este ano, pelo fato de concorrência das forasteiros como pelo retraimento das suas compras, os feirantes encontram-se numa situação crítica, mas que não é de todo desesperada, os que vendem roupas e chapéus continuam a mesma especiação, não descendo os preços nos seus artigos, esperando naturalmente que o terror que os fazem pavoridos desapareça num dado momento.

Sempre na maré do roubo, e não há um raro que acabe de vez com o dia a dia daquela que negocia.

Porque não comemos o peixe mais barato? — O peso da carne

São estes dois assuntos fáceis de resolver e o comissário dos polícias a quem cabe averiguar e intervir no caso. Perguntemos nós porque não consegue S. Ex. que o próprio pescador vende o peixe que spanish ou, em último caso, como estas criaturas sejam fáceis das sua ilha, que é bem maior que a costa portuguesa, os que vendem roupas e chapéus continuam a mesma especiação, não descendo os preços nos seus artigos, esperando naturalmente que o terror que os fazem pavoridos desapareça num dado momento.

Sempre na maré do roubo, e não há um raro que acabe de vez com o dia a dia daquela que negocia.

Com esta e que não pode deixar de continuar, o comissário da polícia deve de assentá-la ante os que se representam para os sargentos do povo, e para os de tração e ainda por si mesmo e abonado e pode comprá-la por todo o preço.

E tudo o mais são histórias.

Além S. Ex. os nossos amigos vendedores de carne, que embora diminuam o preço neste artigo estão sempre alegres e satisfeitos.

E dirá S. Ex. porque? porque a pouca vergonha que se une a criatura compra 500 gramas de carne, e com muita sorte, embora só isso, é sempre roubado em 100 a 150 gramas no peso.

E aí está que nos servem as autoridades da terra: política, processos, amigas, etc. etc. siva a patria!—C.

Só para "civilizar"...

A infiltracão dos elementos reacionários na república

Foi assinado um decreto extinguindo a Junta Geral da Batalha da Cruzada e mandando reverter os respectivos bens para o colégio das missões religiosas do ultramar, por intermédio dos procuradores das mesmas missões, que se encontra no distrito de Castro. Oitavo e oitavo de Agosto de 1921.

O presidente da Sociedade Protetora dos Animais foi hontem entregue a seguinte representação, firmada por grande numero de assinaturas:

Os abaixo assinados, cidadãos portugueses, portadores de diferentes idéias, mas máximas e concordes na concepção dos deveres humanitários da raça, tendo lido o artigo de S. Ex. o Dr. Constantino Santos, acerca do assunto, tendo também apresentado a sua opinião, e tendo visto que a publicação foi feita para que seja restabelecido o uso cruel, repugnante e inestético dos touros de morte, uso proibido em decreto de 1886, veem perante V. Ex. apresentar o seu protesto veemente, rogando-lhe que, como é próprio de um governo progressista, faça chegar às mãos do seu presidente ministro com o pedido da proibição completa das touradas e da entrega das práticas de touros às câmaras dos munícipios onde estão edificadas, para aplicação aos mesmos, e que o governo, no seu processo de desenvolvimento da espécie e cultivo, lhe largue e boas condições nos colocaria a par das nações mais civilizadas, donde foram banidos há muitos séculos os combates de feras.

Contra os "touros de morte"

Pede-se a proibição das touradas e o emprego das praças de touros para jogos desportivos

Ao presidente da Sociedade Protetora dos Animais foi hontem entregue a seguinte representação, firmada por grande numero de assinaturas:

Os abaixo assinados, cidadãos portugueses, portadores de diferentes idéias, mas máximas e concordes na concepção dos deveres humanitários da raça, tendo lido o artigo de S. Ex. o Dr. Constantino Santos, acerca do assunto, tendo também apresentado a sua opinião, e tendo visto que a publicação foi feita para que seja restabelecido o uso cruel, repugnante e inestético dos touros de morte, uso proibido em decreto de 1886, veem perante V. Ex. apresentar o seu protesto veemente, rogando-lhe que, como é próprio de um governo progressista,

que faça chegar às mãos do seu presidente ministro com o pedido da proibição completa das touradas e da entrega das

práticas de touros às câmaras dos munícipios

onde estão edificadas, para aplicação aos mesmos, e que o governo, no seu processo

de desenvolvimento da espécie e cultivo, lhe largue e boas condições nos coloca-

ria a par das nações mais civilizadas,

onde foram banidos há muitos séculos

os combates de feras.

O presidente da Sociedade Protetora dos Animais, Dr. Constantino Santos, o

de Castro, que há mais de 32 anos não vinha à metrópole. O ministro das Colónias deve conferenciar hoje com aquele sr. sobre a questão do Padrão do Oriente.

O conflito universitário

Vai proceder-se a um inquérito

O ministro da instrução nomeou o

juiz da Relação de Lisboa, dr. Manuel Nunes da Silva, para proceder a um in-

quérito aos acontecimentos anormais

que no actual ano lectivo se deram na

Universidade de Coimbra, assim como

as causas que o originaram.

Trabalhadores, Léde e propagai A

BATALHA

# A BATALHA

## Ultimas notícias

### TEATRO DE S. CARLOS

Companhia Rey-Colapo-

Robles Monteiro

— Hoje—A's 9 1/2 da noite—

### Entre Giestas

Notável drama rural

Artística encenação

Magistral desempenho

AMANHÃ

Récita do homenagem a Carlos Silva

com a 15.ª representação

### ENTRE GIESTAS

Em ensaios — O original portu-

guês de Vasco Mendonça Alves

### SEDUTORES

\*\*\*\*\*

### Vida Sindical

\*\*\*\*\*

### COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil—Rei-

vinh ontem o Conselho Federal para apreciar

varios relatórios. Por votação aprovou-se

que fosse o relatório dos delegados que fo-

ram a Coimbra o primeiro a ser apreciado.

Depois da leitura destes que o delegado

dos contas da sua missão, que o delegado

de Coimbra, Maria da Cunha, que o delegado

de Lisboa, António Campos, António de Fon-

seca, António Esteves, António Freitas, António

Freitas, António Gomes, António Góes, António

Guerra, António Lopes, António Mota, António

Monteiro, António Pinto, António Portugal,

António Ribeiro, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

Ribeiro, António Rodrigues, António Rodrigues,

António Rodrigues, António Rodrigues, António

R